O OVARENSE

NUMERO 756 — *Proprietario e Editor=Placido Augusto Veiga* — ANNO XIV

OVAR, 1 DE MAIO — 1893

A questão dos trigos

O aggravamento do agio do ouro trouxe logo a mania da especulação desaforada. Os generos de primeira necessidade encareceram, o que é natural, mas desmedidamente, o que é producto da especulação.

Os moageiros, que teem enrequecido á sombra da protecção do syndicato dos trigos, aproveitaram a occasião para declarar ao governo que não podiam conservar o preço das farinhas, como se tinham obrigado no contracto para a importação, em vista da mudança operada nas praças pelo effeito da guerra.

Se o trigo, longe de subir, tivesse baixado muito de preço nos portos, em que se compra, ou se o agio em vez de se aggravar tivesse descido, resultando d'ahi um ganho fabuloso para os moageiros, elles não consentiriam em pagar ao Estado mais um ceitil; e se o governo se lembrasse de pedir mais pelos direitos de importação, ou pretendesse que os moageiros vendessem as farinhas por menor preço, elles viriam reclamar baseados no contracto.

Porque é que um contracto bilateral, como é o celebrado entre os moageiros e o governo, apenas obriga este e não aquelles? Porque os moageiros dispõem de protecção, que viceja n'este santo regimen de brandura de costumes.

* *

Os moageiros reclamaram; e o governo em vez de lhes responder apenas que cumprissem o seu contracto, obrigando-os por perdas e damnos, caso não cumprissem, nomeia uma commissão em que os altos funccionarios dão o seu parecer, muito extenso, muito scientifico, é claro, mas que foge da verdadeira questão. Longe de invocar um direito, esse parecer aprecia circunstancias, todas favoraveis aos poderosos capitalistas, para os quaes o direito é nada.

D'ahi vieram as combinações, os accordos, quando para accordos não havia o menor pretexto.

Mas quando o governo se visse entre a espada e a parede, em face do pavor que a todos os governantes faz o povo com fome, prompto a pedir, restava-lhe abrir um concurso nas praças.

Os moageiros protegidos pelo funccionalismo de Lisboa, pelas camarilhas da empenhoca recusavam-se a vender farinhas pelo preço combinado, pagando os direitos de importação do contracto. Pois bem publicasse-se nos jornaes um annuncio chamando ao concurso os donos de muinhos, os negociantes, que se compromettiam debaixo de garantia a fazer esse fornecimento e importação, pagando direitos, ou os estabelecidos ou outros menores.

O concurso e a concorrencia fariam dizer o que ha de verdade nas reclamações dos moageiros. Perdeu-se um tempo precioso no estudo da tal commissão. Esse tempo bastaria para o concurso e mesmo para a importação de fórma a, nas praças, não faltar o pão para o povo.

Porque é que se ha-de sempre dar a uns certos priveligiados o monopolio da importação, mesmo quando esses, desvairados pela ganancia, pedem mais lucros? Nada ha que o justifique a não ser uma protecção desmedida, a mania dos syndicatos em que andamos ha tempos e que teem sido a verdadeira origem do nosso descalabro economico.

*

Viu-se agora que as fabricas de moagens apenas sustentavam 200 operarios.

E para justificar esse monstruoso syndicato dizia-se que se ellas parassem, ficavam milhares de familias sem sustento!

São duzentos operarios contra milhares de moleiros, milhares de familias que por esse paiz fóra vivem da pequena industria da moagem: são meia duzia de fabricas contra milhares de moinhos. Mas, contrabalançando, esses milhares de pequenos moleiros não fazem ouvir as suas reclamações nos gabinetes dos ministros, nem dispõem de capitaes sufficientes para distribuir pelas camarilhas. N'isto e só n'isto está a differença d'uns e d'outros.

E' em verdade triste para os que olham deveras para o modo como se administra o paiz. As promessas de reformas e de economias deixam-nos indifferentes, porque no fundo, sempre no fundo, vemos o mal de que enferma a nossa sociedade. Se os governos não pódem romper com meia duzia de moageiros, n'uma questão deveras séria, como é a das subsistencias do paiz, como poderão romper com as innumeras harpias, que por todas as formas sugam o thesouro?

Como poderão ter seriedade as reformas, se na distribuição de farinhas que o governo adquiriu para acudir á crise, apenas contemplou Lisboa, como se o resto do paiz fosse coisa nenhuma, perante uma necessidade geral? E' que sempre em tudo ha o cunho de injustiça, da desegualdade, de protecção baseada, não sabemos em que interesses, exercida, não sabemos com que fins.

Nenhuma questão como esta para podermos avaliar o que o povo, principalmente o das provincias tem a esperar dos seus governos.

Julgamento

Hontem foi julgado em audiencia de querella o sr. dr. Joaquim Soares Pinto, distincto advogado d'esta comarca e vice-presidente da camara municipal, accusado de offensas corporaes em sr. Manoel Joaquim Rodrigues.

Procedendo-se á extracção do jury, com este composto, pela sua ordem, dos srs. Francisco Correia Dias, dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, Custodio José da Silva, Antonio d'Oliveira Picado, dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, Manoel Godinho da Costa, dr. Antonio d'Oliveira Descalço, Antonio Ferreira da Costa e João Ferreira Soares.

Presidiu o digno juiz de direito ex.mo sr. dr. Braga d'Oliveira. O ministerio publico estava representado pelo digno delegado do procurador régio, ex.mo sr. dr. Antonio Carlos d'Almeida e Silva; advogado de defeza, sr. dr. Serafim Cardoso Baldaia.

Depois da leitura do processo, foi deduzida a defeza, cuja synthese é a seguinte:

1.º o réo foi primeiramente aggredido e o réo com receio de maiores males se aggarrou ao queixoso;

2.º o queixoso é um homem desvairado, sobretudo em questões politicas; emquanto que o réo é e tem sido bem comportado.

Seguiu-se o depoimento das testemunhas, e, não nos devemos admirar, de que todas ellas, de accusação e defesa, depozessem mais ou menos apaixonadamente, visto que se tratava d'uma questão politica, originada n'um processo crime em que se tratava d'uma eleição de Vallega, e além d'isso figuravam agora quer como réo, quer como queixoso, dois politicos de partidos differentes.

Procedeu-se ao interrogatorio do réo que justificou a sua defeza, mostrando quanto os depoimentos das testemunhas d'accusação eram apaixonados.

Seguiu-se o discurso do digno delegado do procurador régio, pondo em relevo a importancia do processo pela qualidade das pessoas que n'elle intervem e d'isto resulta que, independente da prova produzida na audiencia, o jury já deverá ter formado sua opinião.

Mas passando, em cumprimento do seu dever, a analysar o processo, disse que, achando a pena excessiva para applicar ao caso, promovera processo correccional em vez de querella por n'esta ser a pena maior. Analysou o processo detidamente. A exiguidade de espaço obriga-nos a restringir os nossos apontamentos.

A defeza orou remontando á origem do presente processo, o da querella de Vallega: salientou o depoimento do queixoso em absoluta opposição do rev.mo abbade de Vallega, cavalheiro respeitavel pela sua illustração, idade e reconhecida probidade. Pois apesar do depoimento inacreditavel que o queixoso então fez, ainda se atreveu a provocar o réo com palavras e pancadas.

Quanto ás testemunhas de accusação bastava ver que é o proprio queixoso quem as contradicta, declarando que foi o primeiro a levantar a bengala. Bem andara a defeza allegando o caracter de desvairamento do queixoso, bastando para prova o que se havia passado com um dos jurados o sr. Custodio José da Silva.

O digno juiz, fez o relatorio imparcial e muito judicioso, sobretudo quando procurou esclarecer o jury quanto á apreciação da legitima defeza, citando exemplos colhidos nos tractadistas criminaes.

E já que não dispomos d'espaço limitamos ao final do relatorio de s. ex.ª Disse que os jurados se não deviam preoccupar com a posição social do réo, pois sendo como é um advogado intelligente e illustrado d'esta comarca, maior responsabilidade lhe cabe no caso de ser criminoso.

Recolheu o jury voltando pouco depois ao tribunal, dando como não provado por unanimidade o crime de que o sr. dr. Soares era accusado.

No final da audiencia foi o réo cumprimentado pelos cavalheiros que alli estavam.

No concelho

O caso das cadeias a que no domingo passado nos referimos, não teve outras consequencias.

A camara soube da visita feita pelo ex.mo presidente e dignos magistrados judiciaes aos armazens que o sr. Antonio Costa apresentou para n'elles se instalar a cadeia comarcã: soube que os armazens, para satisfazerem ao fim a que eram destinados, careciam de ser reconstruidos desde os alicerces.

Tudo quanto escrevemos se confirmou.

Confirmou-se tambem a exhorbitancia da renda pedida. Queria o sr. Costa, para adaptar os seus armazens a cadeia, que a camara assignasse um contracto com obrigação de pagamento de renda na importancia annual de 80$000 reis e que esta renda lhe fosse garantida por 10 annos.

Em vista de tão desarasoadas propostas, a camara declarou desistir da transferencia immediata das cadeias e deliberou instar com o ex.mo delegado do procurador régio para que s. ex.ª pedisse do ministerio da justiça a planta das cadeias, afim de fazer um edificio appropriado e em condicções, como o exige a importancia da comarca.

Está bem. Só temos a louvar a camara pela sua resolução. Em todo esse embroglio procedeu correctissimamente, porque mostrou aos magistrados judiciaes, que tinha a melhor boa vontade de terminar com a difficuldade da distancia das cadeias, que representa sempre um embaraço para a execução dos serviços; mas que lhe é absolutamente impossivel remedial-o de prompto.

—

Zangou-se o sr. administrador do concelho por lhe termos attribuido a paternidade do projecto da mudança da cadeia para a casa do sr. Antonio Costa.

Não tem razão, porque, em boa verdade, foi s. ex.ª o auctor de semelhante idéa, com o louvavel intuito, decerto, de ter a cadeia ao pé de casa; tanto assim que foi s. ex.ª quem dirigiu á camara o officio iniciador de tão infausta trabalheira.

Ora melhor do que ninguem, sabia o sr. administrador do concelho, que muitas tinham sido as deligencias emprehendidas pela vereação transacta para pôr cobro a semelhante estado de coisas.

Passados dois ou tres mezes da demolição das velhas cadeias, o muito digno delegado do procurador régio d'esta comarca d'então, ex.mo dr. Alexandre Vilhena, começou a instar com a camara para remedear as faltas que havia na cadeia de Pereira. Fizeram-se obras não pequenas, reclamadas por s. ex.ª Apezar d'isso a cadeia era má. Augmentou o numero de prezos, vieram difficuldades por causa dos processos de S. Vicente de Pereira e Vallega, visto terem de se juntar presos com responsabilidades grandes com outros que deviam cumprir pequenas penas correccionaes.

D'ahi resultou que o ex.mo dr. Alexandre Vilhena, voltou a instar pela construcção d'um novo edificio dentro da villa. E as suas instancias, feitas verbalmente a um dos vereadores, que era advogado, eram precedidas d'outras por escripto. Em vista d'isto a camara pediu para o ministerio da justiça uma planta das cadeias, visto que não podía fazel-as por simples planta mandada elaborar pelos seus engenheiros, segundo a lei.

A camara nem obteve a planta, nem sequer resposta. O seu officio foi provavelmente arrumado para o cesto dos papeis velhos.

—

Passados dias continuou o ex.mo dr. delegado a insistir verbalmente com o alludido vereador da camara, declarando-lhe que se a camara não désse immediatas providencias, se queixaria para o ministerio da justiça.

Respondeu o vereador a s. ex.ª que a camara estava prompta, logo que recebesse a planta do ministerio da justiça, a immediatamente mandar construir o edificio, e que por isso instasse elle dr. delegado por essa remessa. No mesmo dia, da presidencia da camara, foi enviado um officio ao mesmo magistrado com egual communicação.

O ex.mo dr. Vilhena immediatamente pediu para a procuradoria régia a planta, como o communicou á camara, mas nunca recebeu a planta.

De quem é pois a culpa de não estarem feitas as cadeias e de continuarem em Pereira? Da camara de certo que não.

Ora o sr. administrador do concelho muito bem sabia isto.

E sabia muito bem que se o sr. dr. Vilhena se tinha calado, deixando as cadeias em Pereira, apesar dos transtornos que d'ahi vinham á comarca, era porque tanto s. ex.ª como a camara tinham empregado todos os exforços para remediar o inconveniente sem o poder conseguir.

Ora o que não tinha passado pela cabeça do digno delegado do procurador régio e da camara era transferir a cadeia para os casarões do sr. Costa.

Ainda uma vez se tinha discutido a transferencia provisoria das cadeias, ou para a casa que hoje serve á Associação dos Bombeiros Voluntarios, ou para o armazem que o sr. Affonso José Martins possue na Senhora da Graça; mas o 1.º não tinha capacidade e faltavam-lhe latrinas e espaço para as fazer e o outro que com umas pequenissimas obras se poderia adaptar a cadeias, não se obtinha porque o seu proprietario d'elle carecia.

Exgotados todos os recursos possiveis pela camara e pelo ex.mo dr. Alexandre Vilhena, só restava fazer o que se fez—esperar que do ministerio da justiça viesse a planta.

Foi tambem a esta conclusão que chegaram a camara e os actuaes magistrados da comarca, depois d'uma boa trabalheira—trabalheira perfeitamente escusada,

O Ovarense

Impressões

Ovar, 27—4—98.

Ha já mais d'um mez que a Primavera começou; e o tempo corre chuvoso, frio e ventozo. N'esta occasião nada me faz lembrar essa bella quadra dos ninhos e das flores e, por tanto, dos cantos e dos perfumes; tudo me faz recordar o Inverno, essa quadra dos frios, das lamas e das cheias que fazem trasbordar os rios. Entregela-se, na verdade; mandei vir o meu capote e ainda assim tremo com frio. Mas estaremos na Primavera? Quem nos diz que não andamos enganados ou que Deus não trocou as estações? Sim, estamos na Primavera. Agora me recordo de já ter visto arvores cobertas de branco como noivas que vão para a egreja, agora me recordo de ter ouvido já os rouxinoes cantar lá ao fundo do meu quintal, junto dos ninhos e em manhãs douradas pelo sol. O sol; como é bello o sol da Primavera!... aquece, alumia e alegra. Todas as aves cantam sob a sua luz. Uma só canta à noite sob a luz do luar—é o rouxinol, a ave mais saudosa e triste que conheço depois do pisco. Este, canta de madrugada e ao entardecer: ao desapparecer d'um crepusculo e ao apparecer do outro. O rouxinol canta de madrugada e pelas noites de luar, algumas vezes durante o dia quente e sereno, porém mettido na meia luz e na fresquidão da balsa. O rouxinol procura a solidão dos campos e dos bosques, entranhando-se pela frescura e densidade da folhagem e procurando o murmurio dos rios ou dos regatos: cinzentos são os seus ovos e a sua plumagem, da côr da meia sombra que procura. O pisco anda pela solidão dos escombros, das capellas e dos cemiterios. Por muitos annos conheci um que todas as madrugadas, nos domingos e dias santos à hora da missa, e todas as tardes á hora do *Angelus* ia cantar com uma tristeza vaga e indefenida sobre a cruz d'uma capella que existe perto de minha casa. E eu entristecia-me e eu melancholisava-me, mas sentia-me feliz de ouvil-o,

Gostava d'essa tristeza, d'essa melancholia.

O sol; como é bello o sol da Primavera!... Ha já tanto tempo que só conheço e sinto a noute de inverno!

Os cantores alados emmudeceram, e os despojos d'essas noivas que a Primavera revestiu de branco tombaram pela lama dos campos. Sim, tombaram tristemente como as nossas illusões tombam a cada passo. As illusões!.. se fosse apenas isso que tombasse, bem pouco seria, porém atraz d'ellas derruem a ingenuidade, a sinceridade e a santidade. Na vida do homem, geralmente a primavera é como a que vae correndo excepcionalmeute na Natureza; é quasi que impossivel resistir-se ás intemperies do meio, á dissolução da sociedade que se ri de tudo quanto é ingenuo e santo.

Ha bons corações que, cheios de viço e de frescura, vém a florir para a vida, mas que, desde logo, se sentem cançados e enojados, porque habituados desde o principio ao sonho do bem, os não comprehenderam. Eis uma das grandes infelicidades do genero humano: não conhecer quaes os bons corações, nem quaes as almas vis, tornadas em lama e em immundicia. Desgraçadamente o barro que Deus amassou para formar o nosso primeiro pae, póde dar lugar a um coração cheio de candura e de bondade como o de Abel, ou a uma alma depravada como a de Cain.

Porêm como estabelecer uma sancção justa, se o interior de cada homem só Deus o conhece? Só Elle, Elle, que o formou. Bem conhecemos o dedo d'Elle n'esta sede de justiça, de equidade, n'esta aspiração para o Bem, para o Bello e para a Verdade que só n'esse Alem mysterioso, que se presente para lá do tumulo, se poderá realisar.

A Verdade!... sim, é como o sol da Primavera que aquece, allumia e alegre.

Ha já tanto tempo que só conheço e sinto a noute de inverno!...

Que frio! enrregela-se; e isto na Primavera. Os novos rebentos das plantas encontram-se amarellos como se estivessem chloroticos, porque lhes falta o sol a aquecel-os, a dar-lhes vida e robustez. O mar que começou a dar algum pescado tornou-se ruim por via, certamente, da aspereza do tempo.

E para cumulo de tudo isto os generos e especiarias a encarecer doidamente por via d'esse medonho conflicto hispano-americano; e nós, sem guerra ou qualquer pretexto rasoavel, a caminharmos para a bancarrota.

Pensar-se n'isto até faz calor no meio d'este frio com que a Natureza nos atira.

Tremenda trovoada é essa que escurece o ceu para as bandas da America e que verdadeiramente não começou ainda a descarregar. Vão-se preparando os grandes para o combate, emquanto nós pequenos e desgraçados, trememos como as rãs do pantano ao verem luctar ao largo dois touros que bem as poderiam esmagar com as patas

Desgraçado conflicto!... Com qual dos dois povos sympathiso mais?

Aqui ha tempo era com os norte-americanos. Hoje não sei. Por um lado, os hespanhoes cheios de esperança, de fé e de sentimento religioso, despresando as vidas e offerecendo os seus haveres, as suas joias, como outr'ora se fez em Roma depois da batalha de Cannas. «Povo viril, deveras original, com a seriedade, a altivez, a dignidade, a vontade invencivel, a coragem, a tenacidade, o amor da patria até ao extremo. Porém a seriedade degenera frequentemente em selvageria, a altivez em fanfarronice, a dignidade em vaidade, a vontade em cegueira, assim como a coragem é muitas vezes acompanhada de ferocidade. Se este povo não tivesse derramado tanto sangue innocente pela sêde do ouro, principalmente no Novo Mundo, dir-se-ia d'elle que teria mantido a altiva divisa gravada sobre o punho da espada castelhana: *No me saques sin razon, ni me invaines sin honor.*»

Por outro lado, os yankees fleugmaticos, sem deixar de ser activos e emprehendedores como nenhum outro povo, sedentos de liberdade, sem d'ella abusarem de modo a tornarem-n'a em licença.

«Distingue se esta raça entre todas pelo espirito pratico, pela rapidez de execução, pela pressa de gozar, pela sua devoradora actividade. Nenhuma outra comprehende tão bem a vida pratica, a nenhuma outra se deve a invenção de tantas e de tão ingenhosas machinas, nenhuma realisa com egual brevidade tantos caminhos de ferro, nenhuma revolve mais o solo em todos os sentidos. Quem deixará de sympathisar com essa patria yankee onde nunca se esconde o sol? Quando esse astro se deita nos lagos florestaes do Maine, erguese nas ilhas Aleutianas (junto da peninsula de Alaska que em 1867 os Estados-Unidos compraram á Russia) por detraz do veo nevoento que as encobre—patria magnificamente diversa d'um povo, de cuja precoce adolescencia e desmedida actividade que parece illimitada, não offerece outro exemplo a historia. As estatisticas do augmento da população, de anno a anno, espantam. Só pela emigração recebe esse paiz por anno de 500 a 800 mil pessoas. Ha muitos fatigados da Europa que escolhem o paiz dos yankees para n'elle realisarem os seus sonhos de justiça, de fraternidade e de ideal».

N'elle nasceu e floresceu Washington, o primeiro presidente d'essa republica, que Victor Hugo (Hist. d'um Grime) põe ao lado de Napoleão I, não pelo seu genio, mas pelas suas virtudes. Uma patria que tão bem sabe comprehender os seus deveres como povo livre é merecedora de todas as sympathias.

Depois accresce a tristeza que inspira Cuba, essa desgraçada colonia que poderia ser rica, opulenta e livre, e que desde sempre tem permanecido sob um dominio inquisitorial e explorador.

Tudo isto me faz ponderar em sentido um pouco differente a essa grande corrente de opinião.

E hoje pela imprensa encontrar-se-hão opiniões sinceras? A maior parte d'ellas nada mais são que o grito do estomago, a lucta de interesses.

Para mim ha sobretudo a Humanidade. Deus a encaminhe para o Bem e para a Verdade.

* *

Vaccina

Volta, para não dizermos, continua, a correr muito doentio o tempo. A variola apparece novamente com intensidade e frequencia, e juntamente com as febras typhoides que, parece, protestaram não nos deixar, vae produzindo profundos receios.

Os medicos aconselham o uso geral da vaccina. Mas por maior que seja a propaganda n'este sentido, o povo continua n'um desleixo censuravel. Os obitos são frequentes e numerosos. Nos contaminados, nem é bom fallar. Para pôr termo a semelhantes alastramentos, bom seria que se fossem tomando na devida conta, seguindo-se à risca, as indicações medicas. Prevenir o mal é sempre bom.

Para esse fim haverá d'amanhã, segunda feira, em dîante, vaccina gratuita no Hospital d'esta villa, pelas 9 horas da manhã.

De Manãos

No comboio da noite de terça feira, chegou a esta villa, vindo de Manãos (Brazil) acompanhado de sua ex.ma esposa e filhos, o nosso dedicado amigo e conterraneo sr. Antonio de Oliveira Mello.

O nosso amigo, foi esperado na gàre da estação por pessoas de familia e por alguns dos seus amigos dedicados, que os conta aqui em grande numero, trocando-se n'essa occasião intimos cumprimentos e abraços affectuosos.

O que deveras sentimos, foi que a esposa e filhos do nosso bom amigo, chegassem bastante incommodados de saude, devido, sem duvida alguma, ao cansasso da longa viagem.

Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

Doente

Teve de recolher á cama, em virtude d'uma cannelada que recebeu ha dias, o nosso amigo, sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira, acreditado commerciante da nossa praça.

Desejamos o prompto restabelecimento do nosso amigo.

Consorcio

Consorciaram-se hontem, na nossa egreja matriz, o sr. Manoel Lopes Guilherme Junior com sua prima a sr.ª Maria Soares Casimira.

Aos noivos, que são dignos um do outro, desejamos uma feliz lua de mel.

CHRONICA

Ovar, 26—4—98.

Afinal a festa a S. José, addiada para este domingo ultimo, fez-se; mas com uma pompa e luzimento que eu estava longe de esperar.

Foi uma surpreza para mim, mórmente quando soube que, como orador sagrado, tinhamos uma das figuras que de ha muito alcançou já, entre o publico das duas maiores cidades nossas, grande fama em dotes oratorios.

Com tal vulto a abrilhantar a festa, era de esperar que a concorrencia fosse numerosa, principalmente do elemento illustrado, que honra seja á terra, é bastante numeroso.

Talvez s. ex.ª o rev.º Padre Patricio ignorasse isto, porque, seja dito de passagem e, sem que o seu nome envolto n'essa aureola de luz que só dos grandes talentos irradia, em nada perca de brilho, a verdade porém—e na opinião de muitos—é que s. ex.ª não correspondeu á espectativa.

Esses seus dois discursos que para um outro, sem nome, desconhecido, seria, ainda assim, um passo para o elevar, no conceito d'um publico illustrado, acima de muitos outros oradores sagrados, para elle porém, o orador da côrte, o orador régio, foram um pallido reflexo do que podia fazer, se quizesse.

Estava quasi em dizer que foram uns discursos conforme a paga e a ideia, talvez, de vir encontrar aqui, um auditorio incapaz de o comprehender.

Que me desculpe s. ex.ª esta supposição, mas eu que o tenho ouvido, por vezes, em festas solemnes, na cidade, em que a sua palavra eloquente e persuasiva arrebatava a todos, não posso deixar agora d'extranhar a singeleza e mesmo pouca ligação no fio dos seus discursos d'aqui.

D'aqui o deduzir que foram pouco preparados ou antes mal estudados.

Foi esta a impressão de quasi todo o povo illustrado d'esta terra, pois que do outro, principalmente do mulherio ignorante, o cabecear desordenado de muitas, bem indicavam o apreço com que no geral acolhem um orador de fama.

Para esssas, só o Padre Mestre tem o condão de as distrahir e comover, arrancando-as á tentação poderosa do somno. Para outras, então, os olhares dos rapazes postados em fila ao longo de uma das paredes latteraes, é o bastante para as distrahir.

E quem, uma vez, assistindo a uma festa como esta, não tem tentação, apezar do religioso do logar, de percorrer repetidas vezes a vista por tão formoso conjuncto de cabeças femínis?

Uma festa d'Egreja é sempre um pretexto de que as raparigas se servem para se mostrarem todas garridas e appeticidas aos olhos dos seus admiradores.

Por isso quem quizer vêr o que a terra tem de mais bello em mulheres e de mais luxo no vestir, é assistir a uma festa d'estas.

N'este dia, então, do domingo, parecia que o vasto recinto da Egreja, transformado n'um concurso de belleza, era acanhado de mais para conter tão grande numero.

Poucas vezes tenho visto conjuncto tão variado e seductor. A egreja engrinaldada e cheia d'arbustos dava-nos a miragem d'um d'esses extensos jardins em que o chão é coberto de mil variadas flores que se inclinam acalentadas aos raios matutinos d'um sol de Maio.

As flores, o recinto central do templo, os raios solares, o fogo dos olhares dos rapazes...

E eu olhando por toda essa multidão de flores, collocadas aqui e alli, ao acaso, tantas vezes me lembrava não ser borboleta—para já não dizer abelha—para pousar, sem me presentir, em cada uma, aspirar-lhe o perfume e tocar, n'um beijo quente e prolongado, o assetinado das suas petalas ou corolla.

Lembrei-me d'isto, é verdade, e d'uma das vezes communiquei-o a um amigo que me ficava juncto.

Encolheu os hombros e disse-me, n'um tom desalentado e triste: é lindo realmente o jardim, mas tem espinhos. A flor predominante é a—*rosa*—e bem sabes

que a rozeira... e continuou a passear a vista pelo corpo da Egreja até fixar-se n'um sitio.

Comprehendi, tinha razão. Era uma d'essas flores mimosas que acabam de desabrochar, mas que o perfume demasiado forte póde matar ou endoidecer.

Para lá chegares, meu amigo, toma cuidado com os... espinhos.

Narcizo Gomes.

Litteratura

D. JORGE

(AOS DOIS)

(Conclusão)

Chamava-se Cavalloti o homem que Branca amava. Era d'origem italiana e viera para a Hollanda em procura de fortuna; era de antiga nobreza e no seu typo sympathico lia-se a sua alta linhagem; eu aborrecia-o tanto quanto a amava a ella.

Cavalloti era alto, forte, musculoso mas sympathico. Tinha eu por costume passeiar de manhã, a cavallo, por os arrabaldes da cidade; um dia levantara-me mais triste do que nunca e um negro presentimento tinha de que algum desgosto me esperava, e não me enganei.

Sahia eu de casa levando o cavallo a passo quando de subito se ouve uma forte detonação e o corso, espantando-se, distende as patas dianteiras e forma um vigoroso salto. Serenei-o, mas numerosos grupos se formavam a commentar a causa d'um suicidio que se déra em plena rua; distrahi-me um pouco e o cavallo aproximando-se d'um d'esses grupos, estava prestes a dispersal-o; de repente voltei-me, ouvira uma expressão insultuosa e o cavallo, agarrado violentamente pelas redeas, relinchar; rapidamente manejei o pingalim e sem notar em quem dava, descarreguei. Quando vi ser Cavalloti a pessoa que me offendera e a quem eu castigára, redobrei de furor e esperei a arremettida.

Só lhe ouvi porém:

= Em breve receberá a visita das minhas testemunhas, sr. D. Jorge.

= Se não acha a insolencia bem paga faça o que intender e arremecei-lhe com um cartão de visita.

— Eram tres horas da tarde quando regressei a casa, depois de ter ido fallar com dois dos meus amigos para me servirem de testemunhas e tratarem de realisar as condições de combate; minha mãe esperava-me um pouco inquieta e disse-me que dois homens, que não sabia quem eram, me esperavam no meu gabinete. Fiz idéa de quem fossem estes senhores e fui ter com as testemunhas de Cavalloti.

O duello á espada realisou-se n'esse mesmo dia ás 7 horas da tarde; primeiramente, por uma questão nervosa, eu tremia com o ferro na mão e por mais d'uma vez estive prestes a ser varado; intenso era o odio que me fervia nas veias e comtudo tinha medo de o matar; que julgaria D. Branca?

Cuspir-me-ia para sempre o labeu do desprezo?!

Mas parecia que a desgraça procurava todos os meios de ferir-me: n'um bote inesperado pelo meu adversario, varei-o em pleno peito. O sangue saiu-lhe a jorros; os olhos dilataram-se-lhe; os dentes rangeram-lhe, e ouvi-lhe pronunciar o nome da mulher que ambos amava-mos e expirou. Eu odiava-o e comtudo adquiri n'aquella hora a certeza de que não enlouqueceria nunca!

Os meus amigos vieram dar-me os parabens, eu porém, dizem, que não lhes estendia a mão e com olhos muito abertos procurava como que dar vida ao morto.

Quando ouví dizer ao facultativo que nos seguiu—falleceu, —senti uma vertigem e cahi no chão semi-morto tambem.

Quando recobrei o accordo estava em casa com minha mãe e D. Branca, sentadas á minha cabeceira; a principio julguei ainda ser a continuação do meu estado d'inconsciencia que me apresentava aquelle quadro. D. Branca, soube-o mais tarde, desconhecia ainda quem fôra o meu infeliz antagonista. Só assim, eu explicava a causa da sua estada junto do meu leito.

Eu esboço-lhe, meu amigo, estas scenas, deixando-lhe o cuidado de as colorir. O quanto eu soffria só Deus, de quem cheguei a duvidar, o sabe.

Eu comprehendia cada vez mais, que se algum milagre se não realisasse, estava para sempre perdida a minha felicidade. O amor que nos póde tornar em entes jubilados, tambem se nasceu sob o dedo do infortunio, nos converte n'um momento escravos d'elle.

= Estou fatigado, mas como talvez nos não tornemos a encontrar, vou-lhe concluir rapidamente a minha triste historia.

Quando D. Branca soube que quem havia morto o homem que ella tanto amava, fôra eu, como a flor se mão ingrata lhe fere a raiz, foi-se dessecando n'um recalcado, julgo, sentimento d'odio contra mim e no desgosto immenso da perda de Cavalloti.

Nunca mais veio a minha casa.

A mim até mesmo o orgulho me abandonára! Quando vi não poder por outros meios contemplal-a, bia-me todas as manhãs prostrar em frente da janella do seu quarto para, de vez em quando, a ver passar atravez os vidros.

Divisava-lhe de dia para dia o abatimento das suas pallidas faces.

Como deveria soffrer aquelle anjo, aquem Deus deveria ter perseverado dos males da vil serpente.

Oh angustia cruel! e fôra eu quem causára todo aquelle mal, e era eu que fazia morrer dia a dia, hora a hora, o ente por quem daria a minha vida, a minha felicidade.

Que crueis dias me coroavam estas lembranças. Que horriveis pesadelos me lancinavam quando conseguia conciliar o somno.

Passaram-se ainda dois annos.

. . . . . .

D. Branca resolvera sair de casa e ir acabar a sua existencia n'um mosteiro.

Soube d'isto no proprio dia em que ella havia de ir. Os meus remorsos impelliram-me e no momento em que ficou um pouco só no trem que a havia de levar, dirigi-me a ella e ia-lhe a pedir perdão.

— Perdoo-lhe D. Jorge, sei que é bom e que o não fez de proposito. Elle que lhe perdoe, que eu pelo amor que me tem, nunca o odiei.

Nada respondi. Contemplei-a durante alguns instantes e como louco comecei a correr por as ruas da cidade. Ainda hoje não posso definir a vertigem, o atordoamento que as suas palavras me causaram.

A expressão com que Branca assentuou *Elle*, fizeram-me comprehender o quanto soffrimento ia n'aquella alma; senti coagular o sangue nas veias.

D'esde então morri para o mundo.

. . . . . .

Sahi tambem de casa, alta noute, sem que meus paes soubessem. Tinha uma fortuna bastante grande e é d'ella que hoje vivo, meus paes sei que já morreram! D. Branca, essa... estiolou-se antes que beijasse o isolamento do claustro. Adoeceu na viagem e durante ella falleceu.

Um dia lá voltarei...quando todos tiverem esquecido o marquez de Seoni, titulo que me ficou pela morte de meu pae. Por ora vou vivendo, pensando n'ella.

= Boas noites.

— Boas noites.

1897,

d'Arruella.

Agradecimento

Maria Augusta da Silveira Huet, Eugenia Huet Marques, Julia Agar da Silveira Huet, Emma Huet de Bacellar, Annibal Huet de Bacellar, Armando Huet de Bacellar, Arnaldo Huet de Bacellar, José Eduardo Marques d'Oliveira, Joanna Gomes Dias Ferreira d'Aguiar Huet, Gonçalo Huet de Bacellar Sotto Maior Pinto Guedes, Isaac Julio Fonseca da Silveira e João d'Oliveira Gomes, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento e da missa do setimo dia do seu saudoso marido, pae, sogro, tio, primo e sobrinho.

Ovar, 27 de Abril de 1898.

AGRADECIMENTO

Francisco de Sá Ribeiro, Bernardino de Sá Ribeiro, José de Sá Ribeiro e Manoel de Sá Ribeiro, (ausente) veem por este meio, na impossibilidade de o não poderem fazer pessoalmente como deseja. vam, agradecer summamente penhoradissimos a todas as pessoas que se dignaram dar-lhes condolencias de pezames e que igualmente acompanharam o cadaver de seu chorado irmão Padre Manoel Rodrigues da Graça até á sua ultima morada. A todos se confessam gratos.

Ovar, 27 de Abril de 1899.

AS COSTUREIRAS

não devem renovar as suas assignaturas antes de terem visto o novo jornal de modas *"A Moda Elegante"*

As Agencias de Jornaes

podem dirigir os pedidos de representação á administração da "MODA ELEGANTE" em Paris, 96, boulevard Montparnasse.

ANNUNCIOS

Arrematação

No dia 1.º de maio proximo, por 10 horas da manhã, e á porta do tribunal da comarca, voltam novamente á praça por metade do seu valor, por não ter tido lançador na primeira praça, na execução de sentença que José Pinto Monteiro, casado, move contra José de Sá Rodrigues, solteiro, ambos de Gondezende, de Esmoriz, os bens seguintes:

Uma terra lavradia, chamada o Pinhal, sita em Gondezende, de Esmoriz, no valor de 145$000 reis e uma leira de matto com lavradio pelo sul, chamada os Lameiros da Fonte, no valor de 82$500 reis: predios estes que serão entregues a quem mais offerecer sobre estes valores.

Ovar, 25 de Abril de 1898.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão interino

Antonio Augusto Freire de Liz.

Vinho nutritivo de carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

XAROPE PEITORAL JAMES

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte, esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde o uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis e idosas.

Atlas de Geographia Universal

Descriptivo e Illustrado

Contendo 40 mappas expressamente gravados e impressos a cores, 160 paginas de texto de duascolumnas e perto de 300 gravuras representando vistas das principaes cidades e monumentos do mundo, paizagens, retratos d'homens celebres, figuras diagrammas, etc.

Obra dedicada á Sociedade de Geographia de Lisboa em commemoração do 4.º centenario da India.

Cada mez um fasciculo contendo uma carta geographia cuidadosamente gravada e impressa a cores, uma folha de 4 paginas de texto de 2 columnas e 7 ou 8 gravuras e uma capa pelo preço de 150 reis pagos no acto da entrega.

Pedidos á Empreza Editora do Atlas de Geographia Universal, Rua da Boa Vista, 62. 1.º Esq.—Lisboa.

ALBUM DO CLERO

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Assignatura—Em Lisboa, provincias e ilhas adjacentes: serie de 36 numeros (um anno) 3$000 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Empreza, Rua do Ouro, 140, 3.º=Lisboa.

A ILLUSTRAÇÃO MODERNA

Publicação quinzenal destinada a commemorar o acontecimento de factos importantes da actualidade. Apresentará vistas de monumentos, paisagens, alegorias e retratos de homens illustres.

Esta publicação sera illustrada com numerosas gravuras, executadas com toda a correcção e nitidez.

Preço da assignatura:—Anno, 560 reis; Semestre, 280.

Assigna-se no escriptorio da empreza, Rua de S. Lazaro, 334=Porto.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

26, Largo de S. Pedro, 27

Esta casa encarega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serao executados com primor e aceio, taes como :

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, particpações de casamento, programmas, circulares, factura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.
Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.
De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

AS DUAS RIVAES

NOVO ROMANCE DE GRANDE SENSAÇÃO
DE

XAVIER DE MONTEPIN

Auctor dos romances—A Mulher do Saltimbanco, Martyrio e Cynismo, As Doidas de Paris, O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma Herança, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, As Victimas da Loucura e Crimes de uma Associação Secreta=publicados por esta empreza.

Versão de J. de Magalhães—Dois brindes a cada assignante

1.º brinde no fim do primeiro volume:

PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA

2.º brinde a distribuir no fim da obra

PANORAMA DA CIDADE DO PORTO

Assignaturas—Cada semana serão distribuidas 3 folhas (grande formato) illustradas com 3 gravuras e uma capa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega,—Cada sèrie de 15 folhas illustradas, em brochura, 300 reis.

Pedidos aos editores BELEM & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26. Lisboa.

REVISTA AGRICOLA

Orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza da agricultura nacional

Poprietario e director

DR. ANTONIO JOSÈ DA CRUZ MAGALHÃES

A «Revista Agricola» é distribuida na ultima semana de cada mez em fasciculos de 24 a 32 paginas de texto, intercallado com photogravuras, phototypias e gravuras de animaes domesticos, alfaias agricolas, etc.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas adjacentes e Hespanha	3$000 reis
Provincias ultramarinas	4$000 reis
Brazil (moeda forte)	7$000 reis
Paizes fazendo parte da união postal	21 fr.
Fasciculo avulso	400 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, continuando até aviso em contrario.

Não se acceitam assignaturas por menos d'um anno, contando-se estas sempre desde janeiro.

Redacção e Administração, Praça do Marquez de Pombal, 111—Porto.

Agencia central, Livraria Nacional e Estrangeira, rua dos Clerigos, 8 e 10—Porto.

O DOMINGO ILLUSTRADO

HISTORIA E LITTERATURA

de todas as cidades,
villas e freguezias do reino,

Condicções de assignatura

Série de 26 numeros . . .	500 reis
Idem de 52 numeros . . .	900 reis

A correspondencia deve ser derigida ao proprietario A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 2.º—Lisboa.

A MODA ELEGANTE

O Jornal de Modas, o mais completo, dá cada semana 8 paginas de texto

UM MOLDE CORTADO E QUINZENALMENTE UM FIGURINO A CORES

ASSIGNATURAS—Portugal e ilhas:—Um anno 4$000 reis; seis mezes 2$100 reis; tres mezes 1$100 reis; numero avulso 100 reis; com figurino a cores 150 reis.

Toda a correspondencia particular deverá ser dirigida a Guillard, Aillaud & C.ª, em Paris, 96, boulevard Montparnasse. Mas afim de lhes facilitar o pagamento os srs, assignantes de Portugal podem enviar o importe de suas assignaturas em valles do correio á mesma firma, 242, rua Aurea, 1º—Lisboa.

Toda a pessoa que desejar ser agente d'este jornal, pode dirigir a sua proposta aos editores, em Paris, á qual se responderá com a maxima brevidade.

REMEDIOS DE AYER

Vigor do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer==O remedio mais seguro que ha para cura da *tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.* Frasco reis 1$000, meio frasco 600 reis.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$000 reis.

O remedio de Ayer contra sezões=*Febres intermittentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cathartica de Ayer=O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes. — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

VermifuGo deB.L.Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA «CASSELS».—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Gassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85. Porto.

Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

CACAU AMERICANO

E' ao mesmo tempo uma bebida estimulante e um alimento mais nutritivo que qualquer outra bebida. E' leve, fino, facil de digerir e completamente livre de alkali, ou qualquer outra materia extranha. Este cacau americano é mais commodo e mais barato que chocolate, café ou chà, e não excita os nervos como estes.

As pessoas que tomarem este cacau uma vez, jamais deixarão de o preferir ao chocolate, café ou chà, pois reconhecerão as suas qualidades nutritivas e agradavel paladar.

Unicos agentes em Portugal, James Gassels e C.ª Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Séde da Redacção, Administração e Typographia, Largo de S. Pedro, n.os 26 e 27—OVAR.